



14 a 16 de setembro de 2011
Escola de Comunicação e Artes
Universidade de São Paulo

MuSimid
Centro de Estudos
em Música e Mídia

7º Encontro Internacional de Música e Mídia
Música, Memória: tramas em trânsito

Promoção

Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid)

Apoio

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de São Paulo
Bonini e Bonini Assessoria Pedagógica

Comissão organizadora

Heloísa de Araújo Duarte Valente (CMU-ECA-USP/UMC)
Juliana Coli (Cons. Musical Dr. Carlos de Campos)
Mônica Rebecca Ferrari Nunes (FAAP/Unifai)
Ricardo Santhiago (FFLCH-USP)
Márcia Ramos de Oliveira (LIS/UDESC)

Criação e editoração deste caderno

Duana Castro

Comitê Científico e de leitura

Christian Spencer (Universidade Complutense de Madri - Espanha)
Juliana Coli (Cons. Musical Dr. Carlos de Campos)
Juan Pablo González (Universidade Católica - Chile)
Marcos Júlio Sergi (UniSantos)
Mariana Cañardo (Escola de Altos Estudos Sociais Argentina / França)
Maria do Rosário Pestana (Universidade de Aveiro -Portugal)
Maria Mercedes Liska (CONICET/ IIGG - Argentina)
Marita Fornaro (Escola Universitária de Música – Uruguai)
Marta de Oliveira Fonterrada (MusiMid)
Mônica Rebecca Ferrari Nunes (FAAP/Unifai)
Rubén López-Cano (Escola Superior de Música da Catalúnia - Espanha)
Simone Luci Pereira (Fecap)
Valéria Barbosa de Magalhães (EACH-USP)

Apresentação

O 7º Encontro Internacional de Música e Mídia, promovido pelo Centro de Estudos de Música e Mídia – MusiMid, realiza-se nos dias 14, 15 e 16 de setembro, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Nesta edição, o evento tem como núcleo de discussão a memória em suas relações com a música.

A introdução das mídias é o que distancia o século XX drasticamente de todos que o precederam, trazendo consigo consequências nas formas de recepção e de criação artística e uma maior complexidade nas linguagens. No caso da música, obras inteiras ultrapassaram o registro da partitura e a verbalização dos memorialistas. A fixação das obras nas mídias facilitou tanto o armazenamento como o descarte. Diante disso, como determinar o que deve permanecer e o que deve ser expurgado? Que métodos escolher para a preservação física? Como proceder para conservação?

No terceiro milênio as formas de utilização do tempo livre - atividades culturais e de entretenimento - geralmente incluem a linguagem musical, de algum modo que, por sua vez, se manifesta através de mediações tecnológicas. A música está presente na trilha sonora de cinema, nas séries televisivas, telenovelas, noticiários, spot, e jingles, videogames, canções no rádio (AM, FM, on-line). Trata-se de algo que se fixa na memória (o que é motivado por eventos singulares, pessoais ou coletivos), e que também depende dela (responsável pela extração individual de cruzamentos sociais).

A memória é formada por muitos componentes: físicos, neurobiológicos, psicológicos, emocionais, sociais... Ela carrega e reelabora muitas informações, percepções e sensibilidades. Em meio a tudo isso, a música ocupa um espaço vibrante, que pode ser apreciado de variadas maneiras. A memória individual muitas vezes ancora-se na experiência sonora... A memória cultural dá-se pela música, com a música... Ela imprime, também, na música, a marca do seu tempo. E algumas dessas músicas tornam-se memoráveis...

1- A memória pela música

Devido à sua auto referencialidade, a música deixa-se perpassar pelas várias instâncias do tempo, do espaço, da subjetividade. Torna-se meio privilegiado para intervenções de ordem psicológica, neuronal, dentre outras. De sua parte, a memória extrapola a capacidade humana de gerar e guardar signos: trata-se de um processo sociocultural. Mas, para que ele ocorra, subsistem dados de natureza biológica. Das lembranças aos traumas vinculados a experiências sonoras e musicais, há uma série de processos cuja origem se dá no plano do indivíduo, bem como da coletividade. Em que medida a rememoração pode conduzir a processos de cura ou patologias? Da musicoterapia à tortura psicológica, um amplo espectro de possibilidades passa pela memória pela música. Este eixo temático propõe um debate, incluindo especialistas em ciências cognitivas, neurologia, musicoterapia e áreas afins.

2- A música como memória

O compositor Igor Stravinsky afirmou, certa vez, uma frase de impacto: a música não quer dizer nada além da sua própria linguagem, sua materialidade. Justamente por essa razão, pode ser veículo de qualquer coisa ou ideia: como trilha sonora, catalisa a ação cênica; como spot ou jingle vende produtos e bens, também acompanha atividades prosaicas do dia a dia etc. A música também simboliza: experiências impactantes e inesquecíveis em nível pessoal ou coletivo. Este eixo temático pretende debater as diversas situações em que a música tem o poder de criar, transmitir, preservar a elementos da cultura, a partir de experiências de vida e seus contextos socioculturais, ao longo dos séculos.

3- A música memorável

No imenso conjunto de obras musicais que foram compostas ao longo do tempo, uma parte delas é considerada memorável, ao passo que outras caíram no esquecimento. As razões podem ser encontradas nas complexidades do signo musical e nos signos culturais. Posto que a cultura é o processo de seleção, composto inclusive pelo esquecimento, que determina o que permanece e o que é desprezado, faz-se imperativo analisar: quais os critérios que se impõem, nos diversos períodos da história, e como eles interferem no processo de memorização/esquecimento?

4- A memória da música

A música, na condição de linguagem artística, tem sua história em boa parte possível graças aos meios de registro, sua catalogação, conservação, transmissão e acesso, ao longo do tempo. Contam a história da música as partituras, os discos e fonogramas, mas também os relatos de pessoas contemporâneas ao surgimento das obras. Mais tarde, contam também as leituras e interpretações de todo esse material histórico. Este eixo tem como diretriz discutir: 1) a importância da matriz que fixa o signo musical (“suporte”); 2) os critérios de seleção dos itens a serem arquivados e, por conseguinte, preservados ou descartados; 3) o papel da música nos acervos musicais e discográficos; 4) a memória e a história da música tal qual estudada e apresentada pelos profissionais nela interessados.

Quadro de programação

14 de setembro Quarta-feira	15 de setembro Quinta-feira	16 de setembro Sexta-feira
9h30 - 10h Credenciamento	9h - 10h45 Sessão temática 2 A memória pela música: questões teóricas	9h - 10h45 Sessão temática 5 Música e memória cultural: saberes e gêneros tradicionais
10h - 10h30 Solenidade de Abertura	11h - 12h30 Sessão temática 3 Música e memória midiática: linguagens audiovisuais	11h - 12h30 Sessão temática 6 Música e memória cultural: Gêneros, movimentos e festivals
10h30 - 12h Palestra de abertura Nicolau Sevcenko: O vórtice cultural do pós-guerra e a reconfiguração dos paradigmas artísticos		
12h - 14h Intervalo para almoço	12h30 - 14h Intervalo para almoço	12h30 - 14h Intervalo para almoço
14h - 15h30 Sessão temática 1 Música e músicos memoráveis	14h - 15h30 Mesa redonda 3 A música como memória	14h - 15h30 Mesa-redonda 4 A memória pela música
15h30 - 16h Intervalo	15h30 - 16h Sessão especial 1 Exibição audiovisual	15h30 - 16h Intervalo
16h - 17h30 Mesa-redonda 1 A memória da música	16h - 17h45 Sessão temática 4 Música como memória: instituições e patrimônio	16h - 17h15 Sessão especial 2 MusiMid – Projetos concluídos e em andamento
17h30 - 17h45 Intervalo	17h45 - 18h15 Lançamentos de livros	17h45 - 18h Intervalo
18h - 19h15 Mesa redonda 2 A música memorável	18h15 - 18h30 Apresentação artística 2 Mini recital	18h - 19h Palestra de encerramento David K. Dunaway: "Música, política e o impulso de cantar"
19h15 - 19h30 Intervalo	18h30 - 19h30 Palestra Juan Pablo González: "Música e imagem em movimento: Motion Picture Moods e a memória do cinema mudo chileno"	19h - 19h30 Apresentação artística 3 Memórias do samba
19h30 - 20h30 Apresentação artística 1 A música memorável de José Antônio de Almeida Prado		

Palestra de abertura – 14 de Setembro, 10h30 às 12h



Nicolau Sevcenko

O Vórtice Cultural do Pós-Guerra e a Reconfiguração dos Paradigmas Artísticos

As décadas de 1950, 60 e 70 assistiram a transformações radicais tanto dos fundamentos estéticos, quanto das práticas e dos modos de difusão das obras de arte, nas suas diferentes especialidades. Um dos fatores fundamentais, por trás dessas mudanças, foi a ampliação da sensibilidade espaço-temporal de alguns grupos de artistas, ligados a distintas modalidades e concepções do fazer artístico. Essa percepção e formulação dilatadas, de seus projetos, dotou esses artistas de novas potencialidades criativas, de grande impacto cognitivo, social, político e ambiental. As artes se tornaram historicamente situadas, eticamente engajadas, críticas do contexto tecnológico e estrategicamente infiltradas na vida cotidiana das grandes cidades mundiais.

Palestra – 15 de Setembro, 18h30 às 19h30



Juan Pablo González

Música e imagem em movimento: *Motion Picture Moods* e a memória do cinema mudo chileno

Esta conferência explora o forte vínculo entre visualidade e música que desenvolveu o cinema desde seus primórdios. A fonte principal para este estudo é o manual *Motion Picture Moods For Pianists and Organists* (Nova York, 1924), que oferece cerca de 300 peças organizadas segundo 52 estados de espírito e situações representadas ou conotadas por cada um destes. É objetivo desta pesquisa documentar o uso, no Chile, da música contida neste Manual ou, pelo menos, o âmbito de sua influência na prática de cineastas e músicos locais. A recuperação e o estudo do acervo cinematográfico antigo não estariam completos sem a recuperação e análise de suas práticas musicais associadas. Tanto a imagem quanto os sons a ela agregados fazem parte da reconstrução da memória de um povo. Frise-se que a música tem a virtude de fazer emergir - com essa dimensão invisível e profunda que enche de vida e significado - as mudas imagens em movimento.

Palestra de encerramento – 16 de Setembro, 18h às 19h



David King Dunaway

Música, política e o impulso de cantar

Uma “névoa romântica” tem, há muito tempo, cercado o estudo da cultura popular. Muitos colecionadores e entusiastas da *folk music* são pessoas românticas e, com frequência, patriotas. Isso porque a nobreza de espírito comum à *folk music* está enraizada, nas suas origens, nos povos e nas paisagens de um país. Suas canções são esculpidas a partir dos contornos da terra e das experiências originárias das comunidades. Nesta palestra, são abordadas as relações desta música popular com as iniciativas de revivê-la, com a política, com a ação social, com a mídia e a comunicação, com as experiências de artistas.

Mesas redondas

14 de setembro, 16h – 17h30

Mesa redonda 1

A memória da música

Mediação: Sandro Figueiredo

A Biblioteca da ECA e o tratamento dos documentos musicais

Olga M. Mendonça e Marina Macambyra

A importância dada aos documentos musicais e audiovisuais é uma das características mais marcantes da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP, que começou a formar acervos desses documentos no final dos anos 1960. A Biblioteca desenvolve padrões próprios para o tratamento de gravações sonoras, partituras, imagens fixas e imagens em movimento. Os manuais criados para divulgação dessas metodologias estão publicados no website da Biblioteca. As novas regras internacionais de catalogação de documentos trazem boas perspectivas para a Biblioteca da ECA, pois sua forma de trabalho está mais próxima das novas normas do que das antigas.

Acervos musicais: organização e disseminação

Liliana Giusti Serra

A apresentação versará sobre as formas de organização de acervos musicais, cuidados com preservação, níveis descritivos, variedade de suportes e acesso público, enfocando a experiência desenvolvida no acervo do crítico José Ramos Tinhorão, depositado no Instituto Moreira Salles.

Três Emissoras Paulistanas, suas memórias e histórias

Cecilia Miglorancia e Marta Fonterrada

Pretendemos fazer um recorte de uma época em emissoras de rádio musicais paulistanas, que no decorrer de suas histórias tiveram – em algum momento – preocupação com a qualidade dos produtos oferecidos ao público. Focaremos principalmente na parte musical e de entretenimento. Apontamos a Rádio 3 emissoras, que tiveram seus tempos gloriosos em períodos distintos, são elas a Rádio Gazeta, que teve programas eruditos, com orquestra própria e corpos estáveis; a Rádio Eldorado, que com o final da Gazeta, dedicou parte de sua programação à música de concerto e, por fim a Cultura FM, emissora que ainda oferece ao público este tipo de música.

Luiz Casimiro e Márcio de Paula

Paulo Alves de Lima

14 de setembro, 18h – 19h15

Mesa redonda 2

A música memorável

Mediação: Fabiana Coelho

A escrita vocal e a memória em duas obras de Eric Whitacre

Silvia Cabrera Berg

A utilização da mídia como meio de divulgação e performance de obras corais, e a tradição da escrita vocal e utilização da memória na escrita de obras vocais através da análise de algumas obras vocais de Eric Whitacre.

Ars Viva, 50 anos

Roberto Martins

A exposição apresentará a trajetória do Madrigal Ars Viva, reconhecido internacionalmente, não apenas pela excelência artística, mas também pela orientação estética de divulgar a boa música menos cantada: a mais antiga (anterior à Renascença) e a contemporânea. Graças a essa particularidade, o Madrigal tem, em seu currículo, a estreia de importantes obras, tais como “nascemorre” e “Motete em Ré Menor”, de Gilberto Mendes.

Mesa redonda 3

A música como memória

Mediação: Márcia Ramos de Oliveira

Memória da canção no ABC: bolero e samba em dois compositores locais

Herom Vargas

A comunicação tem o objetivo de discutir alguns aspectos das canções de dois compositores do ABC paulista nas décadas de 1950 e 1960, Osvaldo Varoli e Romeu Tonelo, de origens operárias. Suas composições são representativas do gosto poético-musical do período em que surgiram e se consolidaram quatro emissoras de rádio na região: Rádio Clube e Rádio Emissora ABC (atual Rádio ABC), ambas em Santo André e inauguradas em 1953, Rádio Independência, de São Bernardo do Campo, criada em 1957, e Rádio Cacique, colocada no ar em 1958 em São Caetano do Sul.

Samba de Raiz: uma luz no compasso da cidadania

Cristina Schmidt, Felipe Brito, Antonio Erick Gomes da Silva, Daniel Cosmo Balbino, Jefferson Kitagawa

A conquista pela cidadania perpassa os diferentes níveis de estruturação social, e é perceptível como as manifestações culturais contribuem para a sobrevivência em comunidade. A busca das raízes do Samba para a sobrevivência de referências culturais é uma forma de fortalecimento grupal. Isso ocorre por uma questão de identificação cultural, mas também por um posicionamento econômico e político na sociedade. Esse artigo traz algumas considerações sobre como as novas gerações vão incorporando esses valores e pouco a pouco criando seus próprios matizes nas produções musicais; e, como as raízes históricas vão dando sentido às suas necessidades e impasses culturais do momento presente. Por meio de uma observação em campo, foi possível visualizar como essa dinâmica possibilita a reflexão do grupo sobre seu espaço cultural e, principalmente, como o Samba de Vela pode iluminar suas expressões no compasso da cidadania.

Música brasileira, internet e memória

Ricardo Tacioli

A exposição trata como a internet e o meio digital depois dos anos 2000 têm criado e ampliado condições para a preservação e divulgação sistemática da história e da produção da música popular brasileira. São consideradas e detalhadas duas experiências do palestrante: o site Gafieiras

(www.gafieiras.com.br) e o portal Cultura Brasil (www.culturabrasil.com.br).

O primeiro é um site de longas entrevistas com agentes da música brasileira, independentemente do estilo ou gênero musical. A intenção é compreender os múltiplos universos de criação artística dos entrevistados, verbalizados e refletidos pelos próprios. Prestes a celebrar seu décimo aniversário no fim de 2011 com a publicação de um novo site e de dez novas entrevistas, o Gafieiras já colocou no mesmo ambiente virtual e editorial figuras tão distintas quanto Sivuca, Frank Aguiar, Lindomar Castilho, Los Hermanos, Luiz Melodia, Mônica Salmaso, Hermínio Bello de Carvalho, Fernando Faro, Ritchie, Thaíde, Jards Macalé, Germano Mathias e Inezita Barroso.

O segundo é o portal da Rádio Cultura Brasil, antiga Rádio Cultura AM (1200 KHz), emissora dedicada à música popular brasileira da Fundação Padre Anchieta. Inaugurado em abril de 2010, o portal Cultura Brasil publica os conteúdos produzidos e veiculados pela Rádio, como também aqueles desenvolvidos exclusivamente para a internet. Esta nova realidade virtual redimensionou a produção e o alcance de uma rádio originalmente de amplitude modulada.

A partir desses relatos será possível discutir outras experiências internéticas bem-sucedidas empreendidas por blogs e sites especializados que equacionam música popular brasileira, sua divulgação e memória.

O samba paulista e suas histórias: Textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista

Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Este texto tem uma relação direta com as músicas que foram produzidas, pelos grupos negros da cidade, desde o início do século XX, até a contemporaneidade. Trata-se de uma comunicação exemplificada com gravações referentes ao tema.

Mesa redonda 4

A memória pela música

Mediação: Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Cérebro, emoção, memória e música: o olhar da Neurociência

Edson Amâncio

A ideia é abrir uma ampla discussão sobre o papel da memória na música, na musicofilia e as relações entre música, comportamento, memória e cérebro. Vamos apresentar alguns casos clínicos em que a música desempenhou papel preponderante na sobrevivência como ser humano de pacientes com lesões cerebrais irreversíveis, bem como pacientes que tiveram seus desastres corporais anunciados por músicas.

Relacionando Música e Memória : uma breve introdução

Pedro Paulo Kohler Bondesan dos Santos

Quando ouvimos a expressão memória musical, logo vem à mente a questão dos acervos, de resgate e documentação de expressões que estão se perdendo, ou já foram perdidas. Também ocorre a associação com eventos da vida individual de cada um de alguma forma relacionados à música, ou à músicas que marcaram gerações inteiras, como o rock, os Beatles entre outros. Abordando conceitos sobre a memória relacionados à música, oferecemos uma primeira abordagem sobre o tema que se destina à comunidade musical. À partir das concepções de Daniel Levitin e David Huron, discutimos basicamente três tipos de memória: memória de curto termo, memória episódica e memória semântica.

Tempo e memória: contribuições a uma filosofia cognitiva da música

Mauricio Dottori

A tentativa de refundar diversos estudos tradicionais em novas disciplinas a partir da ótica da cognição está há alguns anos muito em moda na academia. Mas como em todo pensamento científico, os princípios de uma disciplina são também suas limitações. Os estudos cognitivos nasceram, nos anos 50, de um modelo dúplice: do paradigma cartesiano que embasa as ciências modernas e da ideia de que o modelo computacional seria adequado à explicação da mente. Ao aplicar este modelo à música surgem imediatamente duas dificuldades, decorrentes do mundo mesmo, que é por um lado permeado de ruído informacional e, por outro, não se manifesta, necessariamente, à nossa mente por construções simbólicas crescentemente complexas que partem de impressões dele em nossos sentidos. Nesta mesa gostaria de focar no tema do simpósio, na memória — enquanto esta informa todos os processos da consciência — e música — naquilo que esta nos sugere um modelo para a cognição do mundo que, talvez, permita-nos

superar o paradoxo do quiliágono, da figura plana com mil faces, apresentado por Descartes na Sexta Meditação. Pois a música nos sugere uma compreensão da informação também pré-simbólica, isto é, decorrente de ordenamentos de simetrias e categorizações conformados pela evolução. Como contraponto, apresentaremos as visões de santo Agostinho e de Adorno, da relação entre memória, tempo e música, para melhor delimitar os limites da abordagem cognitiva.

Paisagem sonora, memória e história: um ensaio sobre sons familiares
Pedro Paulo Salles

O presente ensaio pretende discutir as implicações de algumas concepções de história, memória e mito para o estudo sobre a paisagem sonora da infância. Além disso, considerando que a paisagem sonora não é só aquela que se ouve num dado momento, mas também aquela já ouvida num passado longínquo ou próximo, por um determinado indivíduo ou grupo social, buscamos compreender significações que residem na articulação entre memória e sons do ambiente.

Memória acústica
Eduardo Peñuela Cañizal

Sessões temáticas

Sessão temática 1

14 de setembro, 14h às 15h30

Música e músicos memoráveis

Mediação: Liliana Harb Bollos

Compositores Latino-americanos: A série brasileira de CDs que registrou 100 anos de música erudita para piano na América Latina

Eliana Maria de Almeida Monteiro da Silva, Amilcar Zani Netto

A música erudita ocidental vem sendo registrada em gravações desde o fim do século XIX. Alguns compositores, Johannes Brahms entre eles, chegaram a registrar sua performance ao piano e, através desta, seu entendimento acerca de como deveria soar a música que compunha. Nem todos tiveram a mesma sorte, mesmo porque desde então a carreira de intérprete foi se dissociando da de compositor. Sendo assim, muitos compositores passaram a depender de outros artistas para que suas obras chegassem ao público. Paralelamente, o aumento dos meios de divulgação e de perpetuação da música em geral foi gerando mecanismos de oferta e demanda que selecionam obras e autores através dos tempos, a partir de critérios que mudam segundo a época e o lugar. Neste contexto, a música erudita latino-americana tem tido pouca representatividade como opção ao repertório tradicionalmente apresentado em concertos e gravações – em que figuram geralmente obras compostas por norte-americanos e europeus já consagrados. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da série de CDs gravada pela pianista argentino-brasileira Beatriz Balzi, que inclui peças de 13 países latino-americanos entre 1898 e 1998. Iniciada para ter 10 exemplares, a série Compositores Latino-americanos foi interrompida em 2001 pela morte da pianista por câncer. Dez anos após sua morte, o panorama musical não conheceu muitas iniciativas como esta. Relatos de compositores, análises das obras e documentos do acervo de Beatriz Balzi mostrados neste trabalho atestam a relevância de suas gravações e servem de incentivo a outros artistas.

Música, testemunho e crítica: dos artigos aos livros e a manutenção do repertório de invenção em Augusto de Campos

Marcus Vinicius Marvila das Neves

Pretende-se nesta comunicação discursar sobre a faceta de crítico musical do poeta concretista Augusto de Campos (1931-), a partir de seus livros *Balanço da Bossa* (e outras bossas) (1968, 1. ed.; 1974, 2. ed. ampliada) e *Música de Invenção* (1998). Guardada a distância temporal entre as

publicações, estas preservam as mesmas características: são livros derivados da compilação de artigos publicados em jornais e revistas. O suporte livro (Flusser 2010) passa a ser uma forma de compilar e (re)expor a própria memória/escuta do poeta, que por sua vez, parte da concepção poudiana de “invenção” (Pound 1977) para elencar artistas, logo poéticas, que tanto na música popular brasileira da década de 1950-1960, como na música de concerto de século XX, são, aos seus ouvidos, (d)escritos, comentados e recomendados sob a alcunha inventiva. Norteará nossa discussão também questões acerca da posição de Augusto de Campos como uma espécie de testemunha – aqui vista por analogia à figura testemunhal apresentada na Literatura de testemunho (Selligman-Silva 2000; 2003; Gagnebin 2004) – da música em/de seu tempo, seja nas palavras proferidas no ensaio pós-bossa, pré-AI-5, seja no discurso que perpassa a seleta-mosaico de intenção notoriamente voraz e denunciadora contra, o que ele constata como, uma ausência de informação e (re)atualização da linguagem musical no Brasil da segunda metade do século XX.

Arthur Azevedo e Catulo da Paixão: Dois perdidos numa música “suja” Joêzer de Souza Mendonça

Na segunda metade do século XIX, tanto a canção popular quanto o violão eram proibitivos e considerados social e moralmente “impróprios” no Rio de Janeiro (Severiano, 2008). Apesar da resistência de boa parte da crítica, o dramaturgo Arthur Azevedo e o músico e poeta Catulo da Paixão Cearense foram fundamentais para a formatação da canção popular brasileira e a consolidação do violão como legítimo instrumento nacional (Tinhorão, 1998). Nosso artigo revisita as peças e revistas satíricas de Azevedo e as modinhas de Catulo com o intuito de investigar os critérios de desqualificação estética e as tentativas de rebaixamento ético da cultura musical popular que redundaram na rotulação música “suja” (Rocha Jr, 2002). Por outro lado, o exame das revistas de Azevedo mostra como o autor inseriu relevantes problemáticas sociais (como a abolição da escravatura, a mestiçagem, a crítica à elite) nos versos das canções ao mesmo tempo em que fazia uso dos ritmos considerados “chulos”, como o lundu. Evitando métodos descritivos que induzam ao populismo (Fleury, 2009) e tomando como base a noção de “mediação cultural” do antropólogo Hermano Vianna (1995) e as discussões sobre identidade nacional na virada do século XIX para o XX, nosso artigo pretende assinalar Arthur Azevedo e Catulo da Paixão como importantes mediadores no período em que a canção e os instrumentos populares começavam a dividir espaço cultural com a música denominada culta, enquanto seus praticantes ganhavam reconhecimento social ao mesmo tempo em que enfrentavam pesadas críticas.

Johnny Alf e as novas perspectivas musicais para a música popular brasileira Liliana Harb Bollos

A música criada por Johnny Alf no início dos anos 1950, com melodias contrastivas, ritmo sincopado, harmonias inovadoras e o canto separado da

condução harmônica, influenciou e transformou a concepção musical de muitos músicos, entre eles João Gilberto e Tom Jobim, figuras centrais do movimento musical que anos depois mudaria os rumos de nossa música popular. Muito embora ele tenha sido um dos principais expoentes dessa mudança de ares, ainda hoje Johnny Alf é caracterizado como um compositor, pianista e cantor que fez uso da música americana no ambiente musical brasileiro quando incorporou a esse ambiente, alguns elementos do jazz. Sem negar tal caracterização, este artigo busca discutir as contribuições musicais da obra de Johnny Alf e explicitar algumas inovações e influências desse compositor para a música brasileira e, em particular para a Bossa Nova. Algumas composições como “Rapaz de bem”, “Eu e a brisa”, “Nós” e “Ilusão à toa” analisadas neste artigo.

“Passados presentes”: Documentários ressignificando trajetórias da música brasileira

Sabrina Dinola

A música popular brasileira sempre se constituiu como paradigma ao conseguir concentrar valores para a constituição da identidade cultural do país. Nas últimas décadas (e nos últimos dois anos em particular), ocorreu um crescimento significativo na produção de documentários sobre música brasileira. Atualmente, torna-se relevante tratar a questão da disseminação contemporânea de informações através de recursos audiovisuais. Pensando na ligação existente entre memória e o processo dinâmico de construção de identidades sociais acredito que torna-se importante pensar na relação que existe entre a memória na construção dessas identidades e essa produção de documentários levando em conta, a partir dessa “documentarização” da música, uma reflexão que possibilite pensar numa construção discursiva e patrimonial da música brasileira. Demonstro, de forma breve, como as mudanças ocorridas nesse cenário musical, do período modernista até a atualidade (marcada pela proliferação de ritmos provenientes de comunidade periféricas e pela “descentralização” da produção de representabilidade), possibilitaram a entrada do cinema como um “novo lugar de produção de discurso” sobre a música brasileira. Dessa forma, penso sobre o papel dos documentários na construção da memória da MPB e a potencialidade desses documentários para a reflexão do próprio cenário musical atual. Tendo como foco uma trajetória de esquecimentos retratada – no caso, a do cantor Wilson Simonal – e partindo da análise de conteúdo do documentário, observo, ao final, o documentário como um novo instrumento produtor de representação, de ressignificação de trajetórias a partir de suas “ressonâncias”.

A memória da música: Do concreto ao abstrato midiático

Cintya Fernanda Morato Soares

A música é uma criação artística admirável, não tem cor, dimensão e não apresenta fisicamente a massa. Portanto, conceitualmente trata-se de uma abstração. A música é captada através dos sentidos, principalmente pela audição, um sentido sensorial. O presente artigo justifica-se pelo fato de haver uma preocupação com o processo de resguardar a história da música, e isto só se faz por meio de documentos concretos como partituras, gravações e, também, outros meios de arquivos eletrônicos. Os objetivos propostos neste trabalho são: identificar os meios de arquivamento ou armazenamento eletrônico da música; analisar as possíveis apropriações e reformulações do conceito de memória e resgatar o processo histórico da música midiática. A princípio, tornou-se relevante destacar que a busca de uma metodologia adequada ao estudo da memória da música, mencionado nesta pesquisa, os estudos de Benntt (1986), Grout e Palisca (2001). Como metodologia optou-se pela pesquisa bibliográfica que, por meio de consultas em livros, periódicos e meios eletrônicos, possibilitou o acesso a diversos conteúdos, colaborando assim, para obtenção de diferentes conceitos sobre o tema proposto. Conclui-se que existe a necessidade de um espaço para que o acervo musical, seja ele concreto ou midiático, deve ter maior difusão nos meios de comunicação, proporcionando oportunidades aos que não relevam a importância da música para o ser humano e, conscientizando a comunidade musical sobre a importância da preservação da memória musical.

Retórica, estética e persuasão – Aristóteles, Hume & Schoenberg:

Crença e convencimento do belo

Antonio Herci Ferreira Júnior

O que existe em comum entre as grandes obras musicais? Alguma essência de beleza? O puro costume, massacrado por interesse comercial ou ideológico? (ADORNO, 2009 e 2011). Procura-se aqui, no entendimento do belo – como fundamento de valor da obra musical – não identificar uma essência, mas discernir os meios utilizados para a sua persuasão. A estética é posta em relação com a retórica (ARISTÓTELES, 2005), pois lida com o estudo das disposições e meios adequados para dar razões à persuasão da beleza a partir da obra musical e não com modelos ou ideais de forma. A música, por outro lado, é situada no campo do entendimento, parte de uma forma de vida (AGAMBEN, 2009). Sob a interpretação da música como entendimento humano, trata-se de articular as relações entre impressões e ideias a partir uma lógica própria, um discurso de convencimento baseado na expectativa de determinados movimentos: a crença habitual na

regularidade (HUME, 1999 e 2001). Da construção dessa crença habitual decorre, em maior ou menor grau, o consentimento do espectador em relação à persuasão do belo. Seu 'frágil fundamento' é o hábito (PASCAL, 1960 e 1973) que não pode, entretanto, ser resumido simplesmente ao costume. A harmonia ocupa, na estética, o papel que o entimema tem para a retórica; as redundâncias o do paradigma: instrumentos de razão e persuasão, não a expressão de leis fundamentais.

Leituras de obras

Marcos Júlio Sergi

A partir dos conceitos de Murray Schafer a respeito da paisagem sonora, vamos deslindar a obra musical dos compositores santistas Gilberto Mendes, Gil Nuno Vaz e Roberto Martins. Ao analisarmos uma obra musical precisamos ter em mente quer a mesma lida com elementos do tempo e do espaço na medida em que reúne passado, presente e futuro. O passado fixado na memória, o presente implícito na observação e o futuro na imaginação. Ashmatour de Gilberto Mendes, por exemplo, se vale destes tempos ao utilizar efeitos de dispneia asmática, o caos provocado por ela e a solução de se viajar com uma empresa especializada, que nos libera do problema. Entra em ação outro elemento, a imaginação. Imaginar, que vem de imago, significa imitar o ato mental do projetar e do antever. A construção do pensamento flui entre desejos e necessidades. No ato de "propagar" existe uma conversa íntima entre o pensar e o fazer. Esse diálogo íntimo, que é a comunicação interna, revela que se faz necessário externar o ato comunicativo. Ao externá-lo, é preciso fazer que ele seja recebido, aceito. Em Ashmatour, Gilberto Mendes finaliza a obra com um jingle escrito de forma a induzir o receptor a desejar a viagem e utiliza na assinatura a garota-propaganda padrão, com voz convincente e afetada. É nosso objetivo comparar as músicas para coro destes três compositores, que se valem de recursos vocais variados, recriados em cada performance de forma inédita, fato que as torna tão interessantes tanto para o emissor quanto para o receptor.

A educação musical como lugar de forjar memórias e esquecimentos

Adriana Gomes Ribeiro, Pedro de Albuquerque Araujo

Os discursos constituintes de projetos de educação musical podem estar impregnados de propostas de repertório e práticas musicais considerados ideais. Essas propostas pretendem forjar memórias e comportamentos. Esse foi o caso do programa de ação da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), a cargo de Villa-Lobos a partir de 1934, que previa uma seleção musical a serviço de um sentimento de brasilidade e de um modelo de disciplina. Aqui, uma memória é erigida como ideal e se propõe o esquecimento de outras referências que não coincidiriam com as subjetividades almejadas. Em agosto de 2011, por determinação da lei 11.769, publicada em 2008, a educação musical torna-se obrigatória para as escolas do ensino básico brasileiro. Trabalhando como contraponto projetos e discursos que determinam uma memória a ser impressa, este artigo pretende especular sobre a possibilidade de uma educação musical que atue em função do esquecimento – não entendido como recusa de uma

memória, mas como a possibilidade de uma produção entre-memórias, viva e pulsante. Para pensar esse contraponto conceitos como “descodificação” e “devir” (Deleuze e Guattari), propostas como a de “limpeza de ouvidos” (Schafer) e métodos como o pré-figurativo (Koellreuter) são convocados. Aqui se trata de pensar como memórias podem ser articuladas nos espaços educativos; pensar blocos de esquecimento e as multiplicidades de devires de alunos e professores, sendo esse o material que será trabalhado em sala de aula.

Música em animação: o mickeymousing está morto?

Guilherme Campiani Maximiano

Mickeymousing é uma técnica de composição para a imagem que encontrou seu auge, como o nome sugere, em desenhos animados. Mais especificamente, nas produções de grandes estúdios americanos dos anos 30, 40 e 50. Alguns expoentes nos cartoons incluem Carl Stalling (Disney e Warner Brothers) e Scott Bradley (MGM) e no cinema live action, Max Steiner (Casablanca, King Kong e ...E o vento levou). Baseando-se nas descrições das relações entre música e imagem feitas em estudos como os de Daniel Goldmark (2005) e Claudia Gorbman (1987), o artigo faz uma revisão da definição desta técnica e a partir desta definição, procura identificá-la em algumas produções recentes de animação. Os filmes analisados são o curta Presto, produzido pela Pixar e um episódio da série brasileira Peixonauta. A metodologia baseia-se em transcrições simplificadas da música combinadas com a decupagem temporal das imagens, à maneira de outros estudos semelhantes. Este artigo, que escolhe um campo de pesquisa pouco explorado em nosso idioma, tem o objetivo de responder à pergunta expressa no título do texto, uma vez que a disseminação de canções-tema e diálogos em animações (como nas produções da Hanna Barbera a partir da década de 1960) deixa pouco espaço para uma música com muitas inflexões rítmicas, como é o caso do mickeymousing. O resultado desta pesquisa é que encontram-se exemplos de mickeymousing em produções atuais, marcadamente em animações que, como nos cartoons da primeira metade do século, se aproximam da chamada comédia física, com poucas falas e muita ação.

Reconhecimento, traço e memória nas músicas utilizadas em propagandas brasileiras

Eliza Bachega Casadei

Para Ricoeur há um “pequeno milagre” que circunda a noção da memória: o reconhecimento, que faz com que, diante de um passado evocado, possa sobrevir a exclamação “é ela, é ele!”. Neste sentido, “a vinda de uma lembrança é um acontecimento” que encontra a sua força quando apoiado em suportes materiais. A música, neste contexto, é um desses suportes materiais a partir dos quais esse “pequeno milagre” se processa, mostrando os processos sociais de reinterpretação da memória. Diante do exposto, objetivamos estudar como as propagandas utilizam a música como instrumento de reconhecimento, a partir da exploração do conceito de “reconhecimento” de Ricoeur e das articulações de Derrida em torno da memória. Para Ricoeur, o reconhecimento promovido pela música se apresenta sob a forma de uma reivindicação que carrega consigo os

problemas da tríade “memória-julgamento-ação”. Vista sob a perspectiva derridariana, a música evocada nas propagandas trabalham com memórias sujeitas a um processo constante de ressignificação, alocando o ato de recordar no mesmo mecanismo imposto pelo traço. Para isso, utilizaremos como aporte metodológico a Teoria das Implicações, que articula os conteúdos explicitamente postos nos enunciados aos componentes retóricos que atuam na sua modalização. Com esses aportes, a música nas propagandas brasileiras pode ser entendida como um traço que encerra em si a possibilidade de novas escrituras em torno do produto veiculado. Como o reconhecimento “está no nível das representações coletivas que mediatizam a instauração do vínculo social”, ele aciona um comum que media um vínculo societário, intimamente relacionado ao ato de julgar.

A Música na Publicidade: dos pregões à indústria fonográfica

Duana Castro Soares

Este estudo parte de uma introdução histórica da música usada para atrair compradores, inicialmente cantada por comerciantes na forma de pregões, em seguida, adaptada para o rádio em anúncios cantados e jingles, passando pela televisão, em trilhas musicais, até chegar na indústria fonográfica, associando-se a artistas da música, onde aparece em diferentes formatos, seja em videocliques, promoções, shows, Internet ou adverbands. O trabalho tem por objetivo traçar a música na publicidade, logo, a abordagem da pesquisa qualifica-se como qualitativa, por trazer alguns estudos de casos que se revelam adequados para entender a natureza dos fenômenos sociais. Como técnica, utilizamos a documentação indireta, por meio de levantamento bibliográfico, que serviu de referencial teórico para a pesquisa. Utilizamos também a documentação direta, através do registro de jingles e filmes publicitários. Esse referencial tem como centro sobre música popular de José Ramos Tinhorão e Renato Ortiz, que estudam o período histórico do começo do século XX e as transformações dos meios de comunicação: rádio e televisão. Foram levantadas notícias recentes da Internet e de jornais que mostram a associação de marcas publicitárias a artistas ou bandas, bem como registros de patrocínio de shows, de contratos de lançamento de álbuns via celular, ou ainda, da “criação” de bandas, que personificam a ideologia da marca, chamadas de adverbands. Assim, o trabalho apresenta um panorama desse tipo de uso da música na publicidade, desde seu início, em pregões de comerciantes até os dias de hoje.

O papel da música na construção da identidade audiovisual

Jaqueline Esther Schiavoni

Em 1965, era inaugurada no canal 4, no Rio de Janeiro, a Rede Globo de Televisão. No decorrer das décadas, a emissora não apenas expandiu a difusão e produção de sua programação, que ganhou abrangência nacional, como também se tornou a mais influente rede de televisão do país. Parte do êxito dessa trajetória está na própria identidade audiovisual

que a Rede Globo se preocupou em construir ao longo dos anos. Por meio de suas vinhetas, a emissora cria narrativas audiovisuais que constituem uma verdadeira propaganda institucional. Partindo desse pressuposto, resolvemos 1) realizar um levantamento histórico de tais vinhetas, 2) analisar quais são os elementos destacados pela emissora em suas vinhetas institucionais, e 3) explicitar as estratégias utilizadas em termos sonoros na composição de tais produtos. Para isso, achamos apropriado utilizar o instrumental da semiótica francesa, já que a disciplina se dedica a descrever as diferentes linguagens utilizadas para manifestar a significação. Os resultados obtidos até o momento indicam o uso de spots e jingles nas vinhetas institucionais da Rede Globo, com predomínio do primeiro sobre o segundo. A trilha sonora, por sua vez, apresenta-se ora como um aspecto de “reforço”, atuando em consonância com os elementos visuais por meio de procedimentos sinestésicos, ora como elemento de referência/identificação cultural. É também recurso estratégico na grade televisiva, criando a estética da auto-referencialidade. Por incidir sobre a afetividade, o som pode contribuir para o apagamento das referências espaciais e temporais do telespectador, provocando-lhe um momento de suspensão, o que constitui um evento estético.

Ennio Morricone, Spaghetti Western e o Velho Oeste: Música cinematográfica enquanto lembrança linguística de um passado violento

Rafael Duarte Oliveira Venancio

O papel de evocação que a música possui dentro da trilha sonora de um filme é inegável, mesmo em tempos de cinema mudo quando realizadores pensavam em possíveis partituras a serem tocadas nas salas de exibição. No entanto, podemos afirmar que está cada vez mais comum a citação cinematográfica de músicas compostas para trilhas de outros filmes. Este é o caso da obra de Ennio Morricone feita especialmente para os Spaghetti Westerns. Sempre que há uma cena de violência, seja um mexican standoff ou mesmo uma ação ousada, o cineasta coloca as famosas melodias filmicas do compositor italiano, especialmente aquelas que acompanharam os planos de Sergio Leone. Este trabalho, dentro da perspectiva da Desconstrução de Jacques Derrida, quer mostrar a escritura determinada no uso dessas músicas enquanto citação nas produções cinematográficas atuais, focando os realizadores Quentin Tarantino, Robert Rodriguez e Matthew Vaughn. Usando o arcabouço teórico também traçado por Jean-François Lyotard, baseado no jogo de linguagem wittgensteiniano, há a perspectiva de desvelar esse funcionamento de uma (re)apresentação midiática que suplanta o passado histórico não-registrado (o Velho Oeste) por um transmitido pelos meios de reprodutibilidade técnica (o Western e suas variantes). Dessa forma, podemos especular a consolidação de uma música-cristal, bem aos termos deleuzianos, que opera uma importante triangulação. Triangulação essa que opera a cena do filme atual junto com o Arquivo cinematográfico para levantar esse passado histórico que é apenas a lembrança proporcionada por um lençol midiático de passado.

A produção de documentários musicais, tendo a música popular brasileira como principal referência, tornou-se uma tendência na produção cinematográfica do país, especialmente neste início do século XXI. Um grande conjunto de produções audiovisuais vem se apresentando num processo quase contínuo, dando visibilidade e voz a intérpretes e compositores do século XX. Este trabalho pretende abordar o que vem a ser o gênero “documentário musical”, explicitando os elementos que o constituem enquanto tal, especialmente tendo como parâmetro o Festival In-Edit , enquanto proposta a edição brasileira. Através desta comunicação, busca-se refletir acerca deste tipo de produção audiovisual enquanto potencial formador de uma memória musical associada a cultura brasileira (Napolitano, 2007), tendo como enfoque a escolha de temas, personagens e grupos de pessoas que tenham a canção popular gravada enquanto ponto de aproximação. Considerando-se que, ao reconstituir a trajetória de determinados personagens e/ou movimentos musicais, o filme duplamente problematiza o enfoque histórico (Rosenstone, 2010) enquanto um discurso sobre seu próprio tempo e, enquanto um discurso sobre o passado, assumindo com isso contornos de uma forma narrativa também histórica (White, 1983) . Neste sentido, o trabalho insere-se na interpretação histórica acerca da produção fílmica (Morettin, 2011), tendo como objeto a produção de documentários musicais da cena brasileira, enquanto formas de discursos audiovisuais dentro de regimes de historicidade (Menezes, 2003).

Música e memória: O discurso da guerra dos mundos em São Luís

Andréia de Lima Silva

Na manhã de 30 de outubro de 1971, o pânico invadiu a cidade de São Luís. A programação musical do "Paradão do Rayol" – programa de grande audiência, veiculado pela Rádio Difusora – foi interrompida para anunciar uma invasão alienígena. Assim foi a versão ludovicense da adaptação radiofônica de "A Guerra dos Mundos" feita por Orson Welles, a partir da obra de H.G Wells, nos Estados Unidos, em 1938. Em Welles foi informado aos ouvintes no início do programa de que se tratava de uma obra de ficção, já na rádio maranhense nada foi dito até o desfecho. Roteirizado por Sérgio Brito, "A Guerra dos Mundos" em São Luís teve adequações espaço-temporais, porém manteve a utilização de personagens, cujas vozes legitimavam diversas situações ficcionais. Era o rádio como meio contemporâneo de criação artística (Terra 2009). Entre músicas, silêncios e ruídos veio o caos gerado pelo discurso de destruição do mundo no cenário acústico do rádio (Meditsch 1998). Nesse sentido, havia uma tensão marcada pelos boletins jornalísticos e uma distensão proporcionada pelas músicas. Isso foi potencializado pelo desconhecimento dos ouvintes dos processos operativos que são próprios do campo do radiojornalismo (Sampaio 2000). A eficácia desse discurso não está nas próprias palavras, mas na legitimidade daqueles que a pronunciam (o locutor do programa) e às propriedades da instituição (a Rádio Difusora) que os autorizam a pronunciar-lo (Bourdieu 1996). É neste entrelaçamento entre música, discurso e memória que vamos nos ater com o intuito de problematizar o espaço da música nesse processo.

*A música como memória na trajetória histórica da
centenária Banda da Lapa de Florianópolis-SC*

Tati Lourenço da Costa

Este trabalho objetiva debater narrativas de memória em torno dos 115 anos de história da Banda da Lapa. O texto organiza-se partindo de resultados do projeto "Memórias e harmonias da Banda da Lapa", que acompanhou por 7 meses suas atividades no distrito Ribeirão da Ilha/Florianópolis. A fim de reunir um referencial memorial - até então disperso em experiências e acervos pessoais -, entrevistou-se 41 colaboradores: músicos ativos, antigos integrantes, moradores da comunidade ribeironense; organizou-se acervo digital reunindo reproduções de fotografias e partituras. Para registro e difusão editou-se 5 documentários, totalizando 67 minutos, distribuídos em

LivroDVD. A relevância histórica e expressividade no mosaico cultural de Santa Catarina são representativas para pesquisas sobre a atuação de bandas instrumentais desde o século XIX. Ao buscar as memórias e harmonias da Lapa encontramos um universo de sociabilidade ilhéu. Pontuado pelas festas tradicionais religiosas e profanas, pela cultura de tradição oral e por laços colaborativos comunitários. A banda surgiu e se mantém, voluntariamente, pelo sentimento de amizade em torno destas celebrações. E a formação musical é promovida pelos próprios músicos, de geração em geração. Considera-se que pesquisas no campo da memória social, ao incorporarem recursos técnicos e de linguagem das mídias audiovisuais como registro e expressão de narrativas, oportunizam, além da perenização temporal, trânsitos no circuito cultural entre diversas gerações. A exemplo da calorosa receptividade do público durante exibição audiovisual comunitária no Ribeirão da Ilha, pode-se concluir que registros de memória, mediados em audiovisual, atuam positivamente sobre auto-estima e valorização de temáticas emergentes locais.

Memória e patrimônio musical do choro de Porto Alegre:

Tensões e intenções entre tradição e modernidade

Reginaldo Gil Braga

Na cidade de Porto Alegre, hoje encontramos músicos e grupos musicais identificados à velha guarda do choro (Plauto Cruz, Darcy Alves, Luiz Machado e Grupo Reminiscências, Clube do Choro), bem como talentos surgidos nas décadas de 1980 e 1990 (Henry Lentino, entre outros) e a partir de 2000 (Yamandú Costa, entre outros) identificados com as novas tendências da música instrumental aliadas ao gênero. Fenômenos agudizados desde os anos noventa, a globalização e as desterritorializações, fragmentações e ambivalências identitárias (vide Appadurai, 2000; Bauman, 2005) desencadearam, também entre os chorões da cidade, uma pluralidade de possibilidades de representações da tradição. Esta comunicação visa a discutir o movimento de choro na cidade a partir das representações sobre criação, transmissão e preservação desta música por diferentes gerações e o gênero musical enquanto memória e patrimônio musical da cidade, buscando entender o(s) sentido(s) do passado (vide Hobsbawm, 1998) e levando em conta a heterogeneidade e complexidade da vida social das cidades (Velho, 1981). Como os veículos técnicos e os espaços socioculturais têm valores diferenciados conforme as épocas e as sociedades (Napolitano, s/d), o que procurei mostrar aqui é que, se no passado os chorões privilegiavam as performances ao vivo e o rádio foi a mídia dominante, hoje para as novas gerações o registro fonográfico, e mais recentemente a disponibilização de arquivos musicais online, tornou-se fundamental, inclusive para promoverem suas carreiras individuais e coletivas (Braga e Barth, 2009). Assim, o choro, atualmente, explica-se, tal qual o tango, pelo nomadismo antes que por sua efemeridade (Valente, 2003).

O presente trabalho tem como objeto mais geral a atividade musical realizada por mulheres no Rio de Janeiro no período entre 1890 e 1920. O registro dessa atividade na historiografia musical brasileira é escasso, mas observando outros tipos de fontes encontramos, em contraste, não só uma presença significativa, mas quase uma centralidade da mulher em várias atividades musicais. O relatório sobre os conservatórios de música europeus elaborado por Leopoldo Miguez (1897) apresenta um quadro sinóptico que inclui dados relativos ao Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro. Esse quadro revela que a grande maioria dos alunos do Instituto eram mulheres. Essas mulheres acabavam funcionando como eixos de difusão musical: na educação dos filhos, nas atividades de lazer privado e semi-privado, como saraus realizados em casa, ou em recitais coletivos realizados em espaços públicos como amadoras, registradas pelos periódicos na época, que também publicavam partituras que alimentavam essas atividades. O registro dessa memória feminina não se dá, portanto, pelo acréscimo de capítulos a uma historiografia existente, mas pela revisão do ambiente musical e do seu sistema de funcionamento: seus espaços, suas personagens, seus repertórios. Neste trabalho partimos de um levantamento dos registros da atividade musical realizada por mulheres nas "histórias da música brasileira". Esse levantamento é comparado com outros registros históricos e bibliográficos e analisado em diálogo com a literatura relativa à história das mulheres. A partir daí propomos uma análise da atividade musical na qual a mulher pode ser vista como eixo de difusão de repertórios e práticas musicais.

História e memória no documentário "Através do samba"

Eric Allen Bueno

Os(as) historiadores(as), assim como a maioria dos(das) pesquisadores(as) acadêmicos(as), estão acostumados(as) a fazer a crítica externa dos filmes, ou seja, analisam de fora uma produção. Neste trabalho faço o inverso, analiso de dentro a produção de sentido e de memória em um filme. Lançado em 2011, o documentário "Através do Samba" é uma produção do Laboratório de Imagem e Som (LIS) e do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Idealizado a partir do conceito da História para além do texto escrito (Rosenstone, 2010), procura fazer um registro sonoro e visual do samba acontecendo em Florianópolis na contemporaneidade. Como membro da equipe de produção, participei da elaboração do roteiro, edição e montagem final do filme. Neste trabalho analiso como a narrativa foi construída através do processo de montagem. E enfoco a forma como os entrevistados criam uma memória sobre o samba acontecendo na ilha de Santa Catarina e ao mesmo tempo, como o discurso visual (Meneses, 2005) e sonoro (Valente, 2003) do documentário cria uma nova memória sobre essa expressão musical. Mas que não é só memória. É a tentativa de se criar uma narrativa histórica do presente e que se contrapõe a ideias consolidadas de outra produção audiovisual local.

Tuyabaé Cuaá – A Sabedoria dos Antigos Pajés

Marlise Borges

Tuyabaé Cuaá - A Sabedoria dos Antigos Pajés, de autoria do compositor e escritor paraense Walter Freitas é uma obra verbo-musical que repercute a Amazonidade e o conhecimento fundamental desta cultura. Este artigo tem como objetivo observar o processo de tradução cultural e as mesclas transformadoras, apontando o novo conjunto que se intercomunica, a partir de caminhos, pressupostos e veículos de uma obra de arte complexa. Sobre noções de memória e mestiçagem, foram utilizados pensamentos de autores como Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro e de teóricos como Jesus Martin Barbero e Serge Gruzinski, que pensam a mestiçagem e relações entre comunicação e cultura na América Latina, como um lugar de multiconfluências de elementos diversos. A semiótica da cultura, através de Iuri Lotman, Aron Gurévitch e também utilizando a noção da festa em Mikhail Bakhtin fundamentaram os caminhos, dando apoios ao seu desenvolvimento. Registro fonográfico de 1987, inaugura uma linguagem nova na Amazônia, ao criar sinais gráficos e acrescentar novas palavras aos dialetos africanos e indígenas, já existentes no Brasil. Deste modo, a poética se constrói/reconstrói de forma alternativa, reunindo ao mesmo tempo elementos, objetos e as séries culturais presentes na cultura amazônica: as lendas, as festas populares, a culinária, os rituais (sacros, profanos). Enquanto música: ritmo, melodia e harmonia são diferenciadas e não se pode falar apenas de objeto estético, pois que funciona também como uma espécie de documento antropológico, cultural, político e social. Tuyabaé Cuaá, cumpre, portanto, sua função de recuperar e ativar uma certa memória coletiva.

Bagad: entre resistência e transgressão

Thaíse Valentim Madeira

O Bagad (orquestra tradicional bretã) compõe cada vez mais obras que trazem influências de outros países. Os compositores dizem que reinventam a tradição, mas matém sempre um elemento referencial, que identifica o estilo dos grupos. Sendo o som musical resultado de processos comportamentais humanos, os quais são moldados pelos valores, atitudes e crenças das pessoas que formam uma cultura particular (Merriam, 1977), é preciso pensar quais são os elementos de transgressão, e de resistência, que atuam na música bretã. Os objetivos são desvendar quais os elementos que fazem parte da memória coletiva, que, transcritos musicalmente, situam o Bagad de antes e de agora no mesmo terreno, além de observar onde se encontra

a porta que abre para as criações modernas. Tais fenômenos se explicam porque a memória é um processo de recategorização contínua (Candau, 2005), e porque a Bretanha compõe um lugar de memória (Nora, 1997), onde indivíduos conservam estruturas de conexão entre memórias individuais (Bastide, 1971), ou a tradição do olhar inteiror, que, como assinala Ricoeur, se constrói como impasse rumo à memória coletiva (Ricoeur, 2000). Através de um estudo etnomusicológico, de análise de discursos (entrevistas) e partituras musicais, entendemos se essas produções contemporâneas inscritas no campo da música tradicional convocam estruturas antigas, ou são elas mesmas tradições inventadas (Hobsbawm, 1997).

Dos terreiros para o estúdio: música, tradições e contextos

Jorge Luiz R. Vasconcelos

Este artigo discute as transformações ocorridas na música em seu trânsito dos contextos tradicionais originais para os suportes que fixam o signo musical, considerando principalmente os meios fonográficos (disco e cd). Tendo como foco principal a produção relacionada ao candomblé e às religiões afro-brasileiras e sua música sacra, mas sem deixar de ter em vista outras manifestações da cultura popular tradicional brasileira, e suas apropriações e adaptações nos segmentos da chamada MPB e da Música Instrumental Brasileira, o objetivo é apontar algumas tendências mais recorrentes dentre esta produção como um todo. Sendo uma vertente bastante presente nas produções midiáticas citadas e compondo um sistema musical de grande importância no contexto das manifestações tradicionais, justifica-se esta investigação. Surgida durante a redação de tese sobre música e performance no candomblé, a metodologia inicialmente utilizada foi a oriunda do campo etnomusicológico, para obtenção de elementos ônicos de música sacra afro-brasileira, que somados aos obtidos por pesquisas fonográficas, fornece referências sobre os contextos de origem para que se possa estabelecer parâmetros comparativos com a produção midiática. Busca-se também problematizar as questões da tradição e da representação para que se trabalhe com conceitos que dêem conta das contradições encontradas no campo da pesquisa etnomusicológica nos dias atuais. Conclui-se, a partir desta análise, que a grande maioria das modificações ocorridas visam adaptar as práticas sonoras originais aos padrões praticados pela indústria fonográfica.

Da roda ao disco: a afetação da religião afro-gaúcha pela midiatização

Deivison Moacir Cezar de Campos Campos

A música tem construído redes desterritorializadas desde a chegada dos primeiros africanos na diáspora global (GILROY, 2001). A indeterminação linguística do período escravista, devido à mistura étnica, fez com que essa se tornasse um elemento agregador. As canções mantiveram os negros ligados simbolicamente à África, construindo novos espaços de sociabilidade de cunho sagrado e profano. Nesses espaços, organizados a partir do princípio da circularidade (OLIVEIRA, 2004), a oralidade manteve-se como

transmissora da tradição afrobrasileira. Os cantos sagrados de Nação, religião de matriz africana do RS, revelam elementos dessa tradição, guardados na memória coletiva (HALBWACHS, 2006). No entanto, o aprendizado pela experiência e oralidade sofreu um atravessamento, nos últimos anos, de gravações em mídias sonoras. Frente a afetação (RODRIGUES, 2000) dos processos afro-religiosos pela midiatização (FAUSTO NETO, 2006), o artigo propõe investigar o consumo das gravações por adeptos de Nação, buscando analisar como a memória individual e coletiva é afetada pela midiatização. O marco teórico estabelecido é os Estudos Culturais latino-americanos (VERÓN, 1997; MARTIN-BARBERO, 2009) em diálogo com a Estética (BENJAMIN, 1985) e a Geografia (HEIDRICH, 2008). Trata-se de um estudo de campo, com abordagem etnográfica, tendo como entrevistados pessoas iniciadas em duas casas da Nação Cabinda em Porto Alegre. A pesquisa aponta que a gravação em mídia sonora tem sido usada no aprendizado dos cantos por recém iniciados adultos que não frequentam rituais fora de sua Casa. Desta maneira, a midiatização dos cantos tensiona o suporte de transmissão de memória individual, afetando a memória coletiva, cujos sentidos são transmitidos pela experiência e oralidade.

Jovem Guarda, repensando o engajamento juvenil

Marcelo Garson

O objetivo desse artigo é apresentar alternativas para se pensar a juventude na década de 60 que superem o modelo hegemônico do "jovem engajado". Acreditamos que existiu, no mesmo período, outro tipo de matriz identitária rival, que pode, efetivamente, construir-se como outra "verdade" sobre a juventude. É esse o modelo do jovem hedonista e consumista, cuja Jovem Guarda é uma de suas expressões mais salientes. Assim, buscaremos reconstituir o panorama da época a fim de delinear dois modelos concorrentes, cada qual buscando estabelecer uma certa "verdade" sobre a juventude, um paradigma para se pensar essa categoria social que então emergia com força inédita. Defendemos que tanto o modelo do "jovem engajado", simbolizado por produtos como a MPB, quanto o do "jovem hedonista", representado pela Jovem Guarda, ultrapassam a dicotomia: contra ou a favor da mídia. Ambos os projetos se articulam dentro dos veículos midiáticos. Assim, uma disputa ideológica é também uma disputa mercadológica: uma disputa por espaço em uma época em que os veículos midiáticos tornavam-se poderosos espaços de divulgação e notoriedade. Cabe analisar esses meios, dentro dos quais uma disputa acerca do "verdadeiro" paradigma para se pensar a juventude – um imaginário ainda em construção – era travado

Sentimentos do blues fortalezense:

Compreensão da cena blues em Fortaleza 1988-1998

Leopoldo de Macedo Barbosa

O blues como outros gêneros musicais que buscaram seu espaço no concorrido ambiente musical fortalezense, se insere a partir de músicos apreciadores que no período almejavam uma oportunidade de executar, através de seus grupos musicais, um estilo pouco divulgado. Nesse contexto musical surgem estratégias dos referentes músicos na tentativa de uma consolidação, como também, elementos que norteiam uma compreensão desse contexto: formação desses respectivos grupos, shows, espaços de convivência e registro fonográfico. Analisar a cena blues em Fortaleza entre 1988 e 1998 e os modos de atuação desses artistas são os objetivos principais da pesquisa. O estudo delimita o ano de 1988, pois a transição da década de 80 para 90 representa o momento de formação de representativas bandas próprias do gênero musical no período, até o ano de 1998, data da divulgação e lançamento do álbum Blues Ceará. Ele tem por justificativa, o fato da capacidade destes sujeitos-históricos se adaptarem nesta

confluência de sons, possibilidades e estratégias mais as poucas pesquisas sobre este gênero, buscando isso, através da opção metodológica da História Oral, ou seja, de entrevistas com esses respectivos músicos, além do colhimento de material documental existente. Como referência teórica, os estudos de Mafesólli sobre socialidade e Damasceno sobre experiências musicais. Esta pesquisa, inicialmente, já aponta algumas afirmações: o Peixe frito blues clube sendo um importante espaço de convivência para os amantes do gênero no período e a música, especificamente, o blues como elemento comum desses artistas.

Preservação da noção de genealogia e de etos entre fãs de subgêneros de metal: Estudo do festival Metal Jam no Rio de Janeiro

Cláudia Souza Nunes de Azevedo, Raphael do Nascimento Freitas

Metal Jam é um festival de covers de heavy metal que acontece na cidade do Rio de Janeiro desde 2004, ganhando credibilidade entre fãs do gênero. Organizado por fãs, sem patrocinadores, intenciona proporcionar um espaço de apresentações para o músico fã, cuja performance deve ser o mais idêntica possível àquela do registro fonográfico, tido como referencial canônico. Os músicos participantes são testados - virtuosismo instrumental é parte do etos do gênero - e devem seguir estritamente as determinações dos organizadores relativas às práticas sociais e, também, à escolha do repertório. Músicos que não se conhecem ou nunca tocaram juntos constituem as formações instrumentais e cumprem uma agenda de ensaios custeada pelo festival. No repertório, são contempladas obras de bandas de várias gerações, especialmente as consideradas significativas para "uma genealogia do gênero". Há grande fragmentação de subgêneros sob o rótulo "metal", alguns mesmo antagônicos entre si, além do evidente investimento afetivo do fã em um gênero estigmatizado como pouco sofisticado. Este trabalho aborda o festival como prática na qual a reprodução idêntica de cânones funciona não só mas, também, como estratégia de preservação da noção de hereditariedade musical e de etos: "somos todos metal porque viemos dos mesmos ancestrais, conhecemos nossa história". A pesquisa de campo (observação/participação/entrevistas) gerou detalhado relatório etnográfico e apontou as questões analisadas através da teoria dos gêneros musicais de Fabbrí (1981) e da ideia de "mundos artísticos" de Becker (1982). Também foram consideradas as ideias de Walser (1993), Weinstein (2000) e Janotti (2003).

A memória nas canções de carnaval:

Um estudo do álbum "100 anos de Carnaval"

Maria Cecília Petrúlio Katinskas

É comum as letras de canções populares de carnaval trazerem inscritas relações sociais familiares e coletivas, romances, fatos cotidianos e políticos. Elas comunicam o registro de momentos históricos, da cultura nacional e de acontecimentos que marcaram a época da sua criação. Da mesma forma, as canções carregam características dos processos de produção,

reprodução e divulgação da música. O carnaval, festa coletiva anualmente comemorada no Brasil, é o campo de produção, uso e reprodução de canções novas e de antigas que se tornaram, por algum motivo, representativas. De geração em geração, melodias e letras são apreendidas e reproduzidas. Logo, é possível identificar a manifestação artística das “canções de carnaval” e sua linguagem como mediadoras das características de uma cultura. Este trabalho busca identificar os temas que foram abordados nas letras das canções de carnaval de distintas épocas que compõem um álbum de memórias: “100 anos de carnaval - Banca do Canecão”, produzido pela Phonogram, em 1974, no Rio de Janeiro. Será uma pesquisa documental com base no acervo compilado neste álbum comemorativo, com suas escolhas institucionais e tradicionais. O conceito de medição pensado por Martín-Barbero, os estudos de memória de Maurice Halbwachs, a sonoridade e o ouvir analisados por Simone P. de Sá e a noção de cultura dos Estudos Culturais serão utilizados como referenciais teóricos.

O festival SWU: Entre a proposta socioambiental e a prática do eco-marketing

Danielle Denny

As apresentações musicais em eventos coletivos como os festivais de música podem gerar um ambiente privilegiado para intervenções de forma a despertar e promover a postura ecológica dos participantes. Pela memória musical, experiências sonoras podem ser vinculadas a determinadas atitudes e assim promover ações e compromissos ecológicos. Um exemplo é o SWU (sigla de Starts With You ou Começa Com Você) que tinha como objetivo articular a educomunicação ambiental à imersibilidade sonora nos três dias de festival realizado em Itú/SP, na Fazenda Maeda nos dias 9, 10 e 11 de novembro de 2010. O presente artigo, contudo, identifica que a sustentabilidade foi usada meramente para promover o consumo durante o SWU. Conclui que, contrariando as expectativas, não houve a defesa efetiva da sustentabilidade ou a informação pelo ambiente musical. E analisa o evento sob a perspectiva da vinculação, da comunicação orquestral, da (in)comunicação, da verticalidade, da cultura do ouvir, dos diálogos e dos discursos. O artigo parte de uma análise de caso, segue a metodologia etnográfica e tem como referencial teórico autores como Winkin (1998), Flusser (2007), Pross (1980), Baitello (2005), Menezes (2010) dentre outros.

Sessão especial 1

Exibição audiovisual

15 de Setembro, 15h30 – 16h

Memórias e harmonias da Banda da Lapa

Fundada em 15 de agosto de 1896, no distrito do Ribeirão da Ilha, a Banda da Lapa tem em sua trajetória muitas histórias de amor à música e à amizade. Histórias que contam sobre um tempo antigo e continuam sendo contadas, imaginadas, recriadas. O objetivo do documentário foi registrar narrativas de memória sobre esta que é uma das três bandas com maior tempo de atividade em Florianópolis. Foram 41 entrevistas acompanhando a banda em seu cotidiano e apresentações. Tal processo reforçou a importância das pessoas idosas como guardiões da memória social. A narrativa audiovisual remonta, em quatro partes, temáticas recorrentes e marcantes para a memória deste grupo musical: Do ar, a respeito da iniciativa comunitária de formação e manutenção deste grupo; O sopro, destaca narrativas importantes sobre a atuação no Zé Pereira e Carnaval, expressando sua relevância para o circuito cultural musical de Florianópolis; O pulso, demonstra a ligação com o distrito do Ribeirão da Ilha, e as identificações de temáticas locais emergentes; A pausa, trata da importância social da Banda como trabalho de formação e sensibilização musical com atuação social e comunitária. Realização de Tati Costa. Documentário, 46 minutos, 2010, Florianópolis-SC.

"Através do samba": A história em som e imagens

Realizado por alunos e professores do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 2011, vinculado ao Projeto de Extensão *Através do samba: experiências em vídeo-documentário/Laboratório de Imagem e Som (LIS)*. O filme "Através do Samba" (35') tem como seu principal personagem o Samba em Florianópolis. Mostrando ele acontecendo em diversos lugares como no Bar Canto do Noel no Centro da cidade, no Bar Varandas na Lagoa da Conceição, no Bar do Tião no Monte Verde, no Barraco do Neco no Sambaqui e passando pela Velha Guarda das Escolas de Samba Copa Lord e Protegidos da Princesa, perpassando também pelo grupo Africatarina, pelo grupo Ginga do Mané na Lagoa da Conceição e do grupo Chorinho da Lapa no Ribeirão da Ilha. Assim, o documentário procura traçar um mapa visual e sonoro do samba acontecendo em Florianópolis. Ao mesmo tempo discute a historicidade do ritmo segundo quem o produz e o pesquisa. Mostra a opinião dos músicos sobre a sua profissão. E exhibe a multiplicidade de espaços do samba e o público que o frequenta.

Sessão especial 2

MusiMid:

Projetos concluídos e em andamento

16 de Setembro, 16h às 17h15

Coordenação

Heloísa de A. Duarte Valente

Participantes

Juliana Coli

Márcia Tosta Dias

Marta Fonterrada

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Ricardo Santhiago

Valéria Barbosa de Magalhães

Participações especiais

Alberto Boscarino Jr. e Leonilde Provenzano.

Esta sessão apresentará uma síntese dos projetos “Trago o fado nos sentidos: memória e significado nos trajetos de uma canção nômade” (concluído) e “Una musica dolce suonava...: memória e nomadismo na canção ítalo-paulistana” (em andamento), através de uma síntese dos subprojetos dos pesquisadores envolvidos. Inclui-se, dentre as atividades, a exibição de um ‘trailer’ da entrevista concedida pela fadista Adélia Pedrosa.

Homenagem a Leonilde Provenzano

Leonilde Provenzano foi cantora do Coro Lírico do Teatro Municipal de São Paulo e da Rádio Gazeta, tendo trabalhado sob a batuta do lendário maestro Armando Bellardi. O MusiMid presta uma homenagem à cantora que colabora com depoimentos para o projeto “Una musica dolce suonava...”. Na oportunidade, participará de alguns momentos de sua carreira artística aos presentes.

15 de Setembro, 17h45 – 18h15

Heloísa de Araújo Duarte Valente (org.)

“Dónde estás, corazón?” O tango ‘no’ Brasil, o tango ‘do’ Brasil

Via Lettera / CNPq, 2011.

Marco Antonio Bin e Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Histórias invisíveis

Editora Horizonte, 2011.

Eliana Monteiro da Silva

Clara Schumann: compositora X mulher de compositor

Editora Ficções, 2011.

Daniel Choma e Tati Lourenço da Costa

Memórias e harmonias da Banda da Lapa (livro-DVD)

Câmara Clara, 2011.

Thais Matarazzo Cantero

Irene Coelho, uma brasileira de coração português

Editora Instituto Memória, 2011.

Heloísa de Araújo Duarte Valente (org.)

Música e mídia- apontamentos e exercícios de clariaudiência.

Da Vinci Editora, 2011.

Apresentações artísticas

14 de Setembro, 19h30 às 20h30

A música memorável de José Antônio de Almeida Prado

Homenagem coordenada por Adriana Lopes Moreira

Retratos Em Flauta E Piano

flauta : Cibele Palopoli

piano: Antônio Eduardo

PROGRAMA

GILBERTO MENDES: Sinuosamente Veredas - flauta solo

ALMEIDA PRADO: Fantasia Litoranea (2008)

GILBERTO MENDES: Urubuqueçaba, para flauta e piano (2008)

CAMARGO GUARNIERI: Sonatina para flauta e piano (1947)

I- Allegro

II- Melancolico

III- Saltitante

EDSON SANT'ANNA: Tocata para piano

ALMEIDA PRADO: Sonata para flauta e piano (1986)

I- Tríduo de Momo

II- Noites de Oxalá

III- Chorinho

IV- Epilogo

15 de Setembro, 18h15 às 18h30

Mini recital

Parte 1

Leandro Quintério - violão

PROGRAMA

JOÃO PERNAMBUCO: Sentindo

SEBASTIAN PIANA (ARR. AGUSTÍN CARLEVARO): Milonga triste

ASTOR PIAZZOLLA: Verano Porteño

Parte 2

Juliana Vasques - violão

Adonias Calebe - flauta doce

PROGRAMA

F. GARCÍA LORCA: El café de chinitas

ANÔNIMO: 3 danças renascentistas

ERIC SATIE: Gnossienne n°1

16 de Setembro, 19h às 19h30

Memórias do Samba

Intérpretes:

Léo Corrêa

Missionário José

PROGRAMA

CHICO BUARQUE: Homenagem ao Malandro
(Arranjo: Léo Corrêa e Missionário José)

CHICO BUARQUE: Samba do grande amor
(Arranjo: Léo Corrêa e Missionário José)

NOEL ROSA E VADICO: Conversa de Botequim
(Arranjo: Léo Corrêa e Missionário José)

ZÉ KÉTI: Diz que fui por aí
(Arranjo: Léo Corrêa)

BADEN POWELL: Vou deitar e rolar
(Arranjo: Baden Powell)

Realização



Apoio



Bonini e Bonini
Assessoria Pedagógica



letraevoz